

2

O Movimento Homossexual no Brasil

2.1

Breve histórico do Movimento homossexual no Brasil

Embora os estudos que envolvam a homossexualidade sejam recentes no Brasil, muito se tem estudado e pesquisado a respeito, sobretudo nas ciências humanas e sociais destacando a homossexualidade e os movimentos sociais de promoção de garantia de direitos humanos.

No século XX a discussão da homossexualidade começa a caminhar por horizontes distintos. Apenas com o surgimento do HIV-AIDS é que este tema passa a ter maior relevância nas universidades, ainda que pelo olhar da medicina. Na segunda metade do século XX a sociedade começa a tomar ciência da existência de um mundo homossexual diverso.

No Brasil, as primeiras iniciativas do movimento homossexual surgiram no final da década de 70 com a fundação no Rio de Janeiro do “Jornal Lampião da Esquina” (1978) e do grupo “SOMOS – Grupo de Afirmação Homossexual” (1979), coincidindo com a chamada abertura política na época da Ditadura Militar no país. O intuito destes grupos era formar alianças com outras minorias, como nos mostra Fry⁷:

“O Jornal Lampião, editado no Rio de Janeiro por jornalistas, intelectuais e artistas homossexuais que pretendiam originalmente lidar com a homossexualidade procurando forjar alianças com as demais “minorias”, ou seja os negros, as feministas, os índios e o movimento ecológico...”

O Lampião da Esquina é considerado o primeiro jornal nacional a tratar abertamente a questão da homossexualidade, valendo-se do momento político da época, ou seja, a ditadura militar, indo de encontro ao conservadorismo e repressão da época. Tal publicação lançada em abril de 1978 é considerada por alguns pesquisadores e estudiosos como o marco zero do movimento homossexual

⁷FRY, Peter. **O que é homossexualidade**. Editora Brasiliense, São Paulo. 1993. p. 21.

brasileiro, Rodrigues⁸ nos mostra que:

“No fim da década de 1970, um grupo de intelectuais assumidamente gays, dentre eles o próprio Trevisan, valendo-se do arrefecimento da repressão política brasileira, lança aquele que é considerado o primeiro veículo de ampla circulação dirigido ao público homossexual - O Lampião da Esquina. A idéia do jornal surgiu a partir da visita ao Brasil do editor Winston Leyland, da Gay Sunshine Press, de São Francisco, Califórnia ... Pode-se dizer que o lançamento do jornal, em abril de 1978, fortaleceu a ação de alguns rapazes de São Paulo que organizavam grupo que se tornaria responsável por consolidar o movimento homossexual no Brasil – o Grupo Somos. Com seus textos longos e comprimidos em letras pequenas, que só não atrapalhavam mais a leitura porque a vontade de lê-los era maior do que a crítica que podíamos fazer na época, o Lampião da Esquina Iniciava um novo capítulo para a história da construção e da afirmação de uma identidade gay no Brasil”.

É a partir de seu lançamento que as questões ligadas à homossexualidade passam a ser discutidas com um outro olhar, fazendo com que a sociedade conservadora da época começasse a refletir sobre a homossexualidade, para que assim os gays pudessem começar a viver sua sexualidade livremente deixando os chamados guetos, como nos diz Rodrigues⁹:

“É assim que compreendemos a apresentação, no título do editorial número zero da proposta do jornal: Saindo do gueto. O Lampião surge com a proposta de criar uma consciência homossexual, assumir-se e ser aceito”.

O Jornal O Lampião era formado por onze pessoas, todos intelectuais da época, segundo Rodrigues¹⁰:

:

“Os Jornalistas Adão Costa, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysótomo, Clóvis Marques, Gasarino Damata e João Antônio Mascarenhas; o artista plástico Darcy Penteado; o crítico de cinema Jean-Claude Bernadet; o antropólogo Peter Fry; o poeta e crítico de arte Francisco Bittencourt; e o cineasta e escritor João Silvério Trevisan. Aguinaldo Silva desempenhava a função de coordenador de edição”.

O Jornal tinha por objetivo formar a consciência do homossexual de modo que este pudesse se assumir e ser aceito como cidadão, vivendo sua homossexualidade como uma alternativa legítima à heterossexualidade, como comenta Rodrigues¹¹:

⁸RODRIGUES. José Luís Pinto. **Impressões de Identidade: histórias e estórias da formação da imprensa gay no Brasil**. Tese de Doutorado apresentada na Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Gerais, Instituto de Letras, Fevereiro de 2007. Rio de Janeiro. P. 66-67.

⁹Ibidem, p. 69.

¹⁰RODRIGUES. José Luís Pinto. **Impressões de Identidade: histórias e estórias da formação da imprensa gay no Brasil**. Tese de Doutorado apresentada na Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Gerais, Instituto de Letras, Fevereiro de 2007. Rio de Janeiro. P. 69-70.

“O Lâmpião da Esquina inicia um movimento que em pouco tempo, e juntamente com outras mudanças sociais, vai beneficiar uma comunidade até então sem espaços para se expressar. A consciência de que se é cidadão e de que a homossexualidade é uma identidade a ser encarada como uma alternativa legítima a heterossexualidade é apresentada e é apresentada nas diferentes narrativas do jornal, nas cartas dos leitores, nas charges, e/ou nas vinhetas das seções”.

Por ser formado por pessoas com pensamentos e ideologias diferentes, o Lâmpião da Esquina passa a enfrentar disputas internas, enfraquecendo a intenção do jornal, mas mesmo com esses problemas, o Lâmpião segue cumprindo seu papel¹².

“Com um corpo editorial formado por onze personalidades com posições ideológicas tão díspares não é de se estranhar que logo cedo as disputas por temas acabariam por enfraquecer o jornal. Isto pode ser percebido logo de início pela falta de um editorial dirigido”.

Rodrigues¹³ ainda conclui:

“Apesar das diferenças ideológicas estarem cada vez mais visíveis dentro do jornal, O Lâmpião da Esquina cumpre seu papel de comunicador e dá espaço para as diferentes vozes que compõem as facções gays da política partidária dentro do movimento homossexual”.

O Lâmpião foi sem dúvida a mais importante publicação gay dos últimos tempos, primeiro por ser o pioneiro em tratar abertamente um assunto tão polêmico em sua época e segundo por abrir portas para o movimento homossexual brasileiro, se unindo ao Grupo Somos, em um evento na USP em 1980, como salienta Rodrigues¹⁴:

“Quando a Universidade de São Paulo, em fevereiro de 1979, organizou um debate público sobre as chamadas minorias, o jornal estava presente. Foi a partir da iniciativa do jornal junto ao Grupo Somos que em 1980 realizou-se em São Paulo o 1º Encontro Nacional de Gays e Lésbicas do Brasil, e não há dúvida de que o jornal foi um forte catalisador para a sua concretização”.

¹¹ RODRIGUES, José Luís Pinto. **Impressões de Identidade: histórias e estórias da formação da imprensa gay no Brasil**. Tese de Doutorado apresentada na Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Gerais, Instituto de Letras, Fevereiro de 2007. Rio de Janeiro. P.75

¹² RODRIGUES, José Luís Pinto. **Impressões de Identidade: histórias e estórias da formação da imprensa gay no Brasil**. Tese de Doutorado apresentada na Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Gerais, Instituto de Letras, Fevereiro de 2007. Rio de Janeiro. P. 77.

¹³ Ibidem. P.93

¹⁴ RODRIGUES, José Luís Pinto. **Impressões de Identidade: histórias e estórias da formação da imprensa gay no Brasil**. Tese de Doutorado apresentada na Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Gerais, Instituto de Letras, Fevereiro de 2007. Rio de Janeiro. P.117.

O último número do jornal foi editado em julho de 1981, deixando sua reflexão e militância aos movimentos que se seguiram após sua tão importante participação para o movimento homossexual brasileiro. Seu fim deixou órfãos de comunicação os grupos então formados.

O Grupo SOMOS formado por intelectuais da época que estavam descontentes com a vida de “gueto” a qual os homossexuais estavam subordinados, pela primeira vez se manifestou em público durante um debate promovido pela Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo. Este ato foi de extrema importância para a militância homossexual, tendo em vista, que após este fato, várias outras manifestações surgiram em defesa dos Direitos Sexuais. Como nos mostra Facchini¹⁵, o Somos foi o primeiro grupo a ser reconhecido:

“A fundação do primeiro grupo reconhecido na bibliografia como tendo uma proposta de politização da questão da homossexualidade, o Somos, de São Paulo, ocorreu em 1978”.

O grupo era formado exclusivamente por homens e seu primeiro nome foi Núcleo de Ação pelos Direitos Humanos dos Homossexuais e só em 1978 foi renomeado de Somos - Grupo de Afirmação Homossexual. Segundo Facchini¹⁶, o Somos provocou o surgimento de outros grupos:

“A partir desse debate, novos integrantes, inclusive mulheres, entraram no Somos e dois novos grupos se formaram: o Eros e o Libertos. É interessante observar, em relação à forma como surgiram novos grupos, que em um evento em que a questão homossexual teve destaque não só trouxe novos membros ao Somos como provocou o surgimento de novos grupos”.

O Somos pregava antes de tudo a saída dos homossexuais dos guetos e também apresentava forte carga de agressividade contra os grupos semelhantes, se opondo sempre aos militantes frequentadores dos guetos. Em maio de 1980 ocorrem dois rachas no grupo, dividindo-o, como salienta Facchini¹⁷:

¹⁵ FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Garamond Universitária, 2005. Rio de Janeiro. Pág. 93.

¹⁶ FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Garamond Universitária, 2005. Rio de Janeiro. Pág.95.

¹⁷ FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Garamond Universitária, 2005. Rio de Janeiro. Pág. 97-98.

“Nesse mesmo ano, em maio, ocorreram também dois racha no Somos, dividindo-o em três grupos: o Somos, o Grupo Lésbico-feminista, posteriormente rebatizado de Galf (Grupo de Ação Lésbico-feminista) e o grupo de Ação Homossexualista, posteriormente rebatizado de Outra Coisa”

Em decorrência de rachas no grupo e dificuldades financeiras, o Somos se dissolveu em 1983, segundo Faccinni¹⁸:

“Em 1983, problemas financeiros e dificuldades em conseguir novos membros levaram o Grupo Somos a abandonar sua sede e se dissolver”.

Outro Grupo importante desta leva dos anos de 1980 e que resiste ainda hoje com força total é o Grupo Gay da Bahia. O GGB surge quando seu presidente, o antropólogo Luiz Mott, nos fins dos anos de 1970 decide morar em Salvador e é agredido por um morador de rua, por estar de mãos dadas com o seu namorado. Deste ato de violência surge a idéia de fundar o GGB para lutar pela livre expressão da sexualidade. Em 1982, segundo Facchini¹⁹, o GGB promoveu debates contra a classificação da homossexualidade pelo INAMPS

Segundo o site <http://www.ggb.org.br/ggb.html>, as principais atividades do GGB são:

“Desde sua fundação, em 1980, o GGB acumula em seu curriculum significativas vitórias em prol dos direitos de cidadania dos homossexuais. Publicou pela Editora Mercado Aberto (RS) o livro *Lesbianismo no Brasil* (1987) e diversos artigos sobre a história dos "sodomitas" luso-brasileiros perseguidos pela Inquisição, assim como sobre múltiplos aspectos culturais da epidemia da Aids em nosso país. Em 1987 publicou o livro *Homofobia: A violação dos direitos humanos dos gays, lésbicas e travestis no Brasil*. Realizou centenas de conferências, debates e mesas redondas sobre a homossexualidade e a questão da Aids em colégios, universidades, programas de TV e rádios de norte a sul do país. Liderou a campanha nacional que retirou a homossexualidade da lista dos desvios sexuais, sendo autor de sete moções anti-discriminação aprovadas pelas mais importantes associações científicas nacionais. Foi a primeira ONG a iniciar a prevenção da Aids no Brasil (1982) sendo autor da primeira cartilha em método braille sobre Aids para deficientes visuais. Desde a sua fundação o GGB já distribuiu mais de 1 milhão de preservativos na Bahia”.

Facchini²⁰ salienta que no início dos anos de 1980 e com o fechamento do Lampião há uma redução dos grupos do movimento homossexual brasileiro:

“Antes do final da primeira metade dos anos 1980, houve uma drástica

¹⁸Ibidem. p.98.

¹⁹ <http://www.ggb.org.br/ggb.html> - 09/10/2007.

²⁰FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Garamond Universitária, 2005. Rio de Janeiro. p. 102.

redução na quantidade de grupos presentes no movimento. Isso pode ser justificado, entre outras coisas, pelo surgimento da AIDS, então chamada de peste gay, e seu poder de desmobilização das propostas de liberação sexual, e ainda, pelo fato de muitas lideranças terem se voltado para a luta contra a AIDS, criando as primeiras respostas da sociedade civil à epidemia”.

Lembrando que com o fim do *Lampião*, o único jornal de grande circulação voltado para o público homossexual que circulava em rede nacional, talvez por isso, muitos grupos se enfraqueceram ou deixaram de existir com a falta de informação sobre a militância homossexual. Facchini²¹ diz que o movimento homossexual brasileiro não deixou de existir, mas passou a ter um outro tipo de postura, deixando de se filiar a partidos políticos.

Regina Facchini divide a história do movimento homossexual brasileiro (MHB) em dois momentos distintos, que a autora nomeia de “a primeira onda” do MHB – final dos anos 1970 até o meados da década de 1980) e a “segunda onda” do MHB (meados dos anos de 1980 até os dias atuais).

Na segunda onda do MHB, surge o Grupo Atobá no Rio de Janeiro, e segundo seu *site*²², o Grupo Atobá - Movimento de Emancipação Homossexual – surge em Setembro de 1985, quando o homossexual Sidney Quintanilha dos Santos, foi cruelmente assassinado. Indignados com a impunidade, o grupo de amigos da vítima decide se juntar e lutar por seus direitos. A Primeira reunião aconteceu no dia 15 de Setembro de 1985 e a primeira iniciativa do grupo foi salvar uma ave, fazendo uma arrecadação de fundos e comprando um "ATOBÁ", que alguns rapazes da vizinhança iriam matar. O ATOBÁ (ave) viveu algum tempo entre o grupo e depois o devolvemos para o seu habitat. A fundação oficial se deu em 28 de Junho de 1986, quando foi eleita a primeira diretoria e o grupo foi registrado no Cartório Civil de Pessoa Jurídica. A data de fundação foi escolhida em virtude de ser esse dia consagrado como o Dia Internacional da Dignidade Gay.

Ainda segundo o *site* do grupo, O Grupo Atobá²³ realiza suas atividades ainda hoje em Realengo, Zona Oeste do Rio de Janeiro e suas principais atividades são:

“Reuniões sempre aos domingos, quinzenalmente, Os temas abordam sexualidade, a homossexualidade, assuntos atuais em geral.*Realizamos palestras e atividades culturais. Realizamos panfletagens junto às comunidades gays,

²¹Ibidem. P.107.

²²<http://grupo-atoba.vilabol.uol.com.br/09-10-2007>

²³<http://grupo-atoba.vilabol.uol.com.br/09-10-2007>

lésbicas e travestis. Dispomos de um serviço preventivo a DST/AIDS, distribuímos preservativos gratuitamente em nossa sede e mantemos um serviço DISQUE AIDS. Mantemos um serviço de apoio jurídico em defesa dos direitos e garantias às pessoas em razão de sua orientação sexual. Mantemos um arquivo de documentação sobre a homossexualidade e uma biblioteca sobre o assunto aberta aos interessados. O Disque Defesa Homossexual é uma parceria da Secretaria de Segurança Pública e o Movimento Homossexual do Rio de Janeiro para orientar gays, lésbicas, travestis e bissexuais sobre como agir em casos de violência e discriminação”

No início da década de 1990 o MHB toma impulso com o *boom* da AIDS e a violência sofrida pelos homossexuais neste período. Os grupos, segundo Facchini²⁴, voltam a florescer:

“O ativismo pelos direitos dos homossexuais volta a florescer nos anos de 1990, quando os encontros nacionais do movimento passam a ocorrer com periodicidade anual ou bienal e a quantidade dos grupos presentes a esses eventos aumenta consideravelmente”.

Na linha desta nova onda do MHB surgem outros grupos de extrema importância para o movimento, como o Grupo Corsa (1995), O Grupo Arco-íris (1993), a ABGLT – Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais(1995) e o mais recente dos grupos, o Grupo GDN – Grupo Diversidade Niterói (2003), onde realizei as pesquisas de campo a serem discutidas no posteriormente

O Grupo Corsa foi fundado em 1995 em São Paulo e segundo Facchini²⁵ nasceu da iniciativa de três rapazes:

“Esse grupo nasceu da iniciativa de três rapazes que se conheceram no espaço de um consultório de análise. Levi, Vicente e Matheus faziam análise em grupo com os mesmos analistas, e a idéia de criar um grupo de militância, que, de certa forma, já era um objetivo de Levi, foi construída, em parte, no espaço físico do consultório de análise”.

As atividades do Grupo Corsa desde o início eram as reuniões realizadas aos sábados como mostra Facchini²⁶:

“A atividade principal do Corsa, desde o início, eram as reuniões, realizadas semanalmente, no final das tardes de sábado, com discussões livres, debates sobre

²⁴FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Garamond Universitária, 2005. Rio de Janeiro. p.121.

²⁵FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Garamond Universitária, 2005. Rio de Janeiro. p. 187.

²⁶ *Ibidem*. P. 193-194.

filmes ou realização de oficinas/dinâmicas de grupo coordenadas pelos próprios membros ou por pessoas especialmente convidadas. A programação das reuniões era feita mensalmente (em alguns momentos o grupo optou por montar uma programação bimestral) com base na indicação de temas, filmes ou atividades por frequentadores e votação, pelo grupo, em parte da reunião destinada a esse fim”.

Segundo Facchini²⁷, o Corsa ainda investia na realização de atividades e manifestações de rua na cidade de São Paulo em comemoração ao dia 28/06 – o dia internacional do orgulho gay. Para a autora, o grupo também foi responsável pela primeira Parada GLBTT do País, em São Paulo, contando com a participação de sete mil pessoas.

Com o passar do tempo, as relações no interior do grupo foram se desgastando e o grupo se dividiu em três grupos (1997). Apesar das crises internas, o Grupo Corsa ainda segue a linha que o originou, promovendo reuniões com grupos de homossexuais²⁸.

No Rio de Janeiro, em 21 de maio de 1993 surge o grupo Arco-íris de Conscientização Homossexual (GAI) e, segundo seu *site*²⁹ sua finalidade fundamental é:

“Constitui finalidade fundamental do GAI organizar, sem qualquer forma de discriminação, o maior número de pessoas interessadas em defender a liberdade de orientação sexual, especificamente a homossexual, promovendo a qualidade de vida da população gay e lésbica”

Ainda segundo o *site* do grupo, a denominação Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual (GAI) foi aprovada na primeira reunião da comissão provisória em 21 de maio de 1993 e referendada em 18 de abril de 1994. Refere-se à crença na pluralidade, ou seja, aceitando as diferenças entre os seres humanos, suas idéias, sentimentos e credos, acredita-se que podemos caminhar juntos na construção de um mundo sem preconceito e discriminação em relação à orientação sexual, sobretudo à orientação homossexual.

O Grupo Arco-íris também é o responsável pela realização da segunda maior parada GLBTT do país no Rio de Janeiro. Suas ações estão voltadas para a defesa dos direitos humanos - principalmente na luta pelos direitos dos homossexuais, além de atuar plenamente na luta contra a homofobia e na criação de políticas públicas voltadas ao público GLBTT.

²⁷Ibidem. P. 195

²⁸http://casaisgays.com.br/grupo_saopaoulo.htm – 09/10/2007

²⁹<http://www.arco-iris.org.br/> - 09/10/2007

A Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), foi criada em 31 de janeiro de 1995, com 31 grupos fundadores. Segundo o *site*³⁰, sua missão consiste em:

“Afirmando a livre orientação sexual e identidade“. A missão da ABGLT é promover a cidadania e defender os direitos de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, contribuindo para a construção de uma democracia sem quaisquer formas de discriminação de gênero”

Ainda segundo o *site*, atualmente as linhas prioritárias de atuação da ABGLT incluem:

- O monitoramento do Programa Brasil Sem Homofobia;
- O combate à Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis;
- Orientação Sexual e Direitos Humanos no âmbito do Mercosul;
- Capacitação de lideranças lésbicas em direitos humanos e *advocacy*;
- Capacitação de operadores de direito em questões de cidadania GLBT.

Hoje a ABGLT é uma rede nacional de 203 organizações, sendo 141 grupos de gays, lésbicas, travestis e transexuais e mais de 62 organizações colaboradoras voltadas para os direitos humanos e Aids. É a maior rede GLBT na América Latina.

É de fundamental citar a história do movimento homossexual brasileiro nesta dissertação de mestrado, mesmo que brevemente e que se focalize apenas em alguns grupos escolhidos por sua representação. Claro que outros grupos também realizam trabalhos extraordinários, porém fugiria muito ao tema proposto da pesquisa. Na realidade o movimento luta pela criminalização da homofobia e todas as suas formas de expressão, então, por isso é importante falar sobre ele.

O movimento homossexual fortaleceu-se e ganhou as ruas e as mídias. Na sociedade brasileira isso é muito marcado, através da reincidência de personagens homossexuais na TV.

³⁰<http://www.abglt.org.br/port/index.php> 10/10/2007.

2.2

As Paradas gays – As novas formas de manifestação em favor dos direitos dos homossexuais

No início dos anos 80 foram organizados grupos por todo o país, e a partir de 1996 passaram a ocorrer diversas atividades para marcar o dia 28 de junho inclusive um ato na Praça Roosevelt, Centro de São Paulo. Em 1997, ocorreu a primeira Parada do Orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros (travestis e transexuais) com a participação de 2 mil pessoas. A partir de 1999, ela passou a ser organizada pela Associação da Parada do Orgulho GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros) de São Paulo. Seu objetivo primeiro é dar visibilidade a estas categorias sociais e fomentar a criação de políticas públicas para homossexuais. A principal estratégia é ocupar os espaços públicos para proporcionar uma troca efetiva entre todas as categorias sociais, elevar a auto-estima dos homossexuais e sensibilizar a sociedade para o convívio com as diferenças. A cada ano, percebe-se que o trabalho de conscientização e educação para o respeito à diversidade tem gerado frutos positivos na erradicação do preconceito. É neste momento que os homossexuais, unidos, ajudam a construir e garantir a plenitude de seus direitos.

Em 2005, as Paradas GLBT organizadas no Rio de Janeiro pelo Grupo Arco-íris deixaram de ser exclusivamente elitistas - já que em todos os anos de sua edição eram sempre realizadas em Copacabana e passaram a compor o cenário gay do subúrbio e de outras cidades do interior. Em Niterói, cidade até então conhecida pelos crimes de Homofobia, foi realizada a 1ª Parada do Orgulho GLBT, organizada pelo Grupo Diversidade Niterói (GDN). Sobre as paradas gays realizadas em Niterói, o então presidente do Grupo GDN - Renato Marques³¹ diz:

"...E a gente vê o resultado disso quando vê exatamente, aprovada na câmara uma lei que 18 vereadores, você tem 15 vereadores votando a favor. Você nunca teve isso antes. Então, a gente vê que esse dialogo da gente com o legislativo e com o poder executivo e essa mostra de força, porque a parada é uma demonstração de poder também. Porque o vereador que votava contra hoje vê 100 mil na praia, fala assim: "bom tem uma representatividade, uma cidade de 500 mil pessoas, 100 mil estão naquele evento... é porque a cidade quer discutir isso. E o nosso grande interesse era isso, mostrar força, ganhar a cidade. A gente tem o interesse especial em fazer lei contra a homofobia, mas quer ganhar o coração das

³¹ Renato Marques, presidente do Grupo Diversidade Niterói, entrevistado por mim para ilustrar esta dissertação de mestrado.

peessoas, não adianta você ter uma lei contra a homofobia e as pessoas não sabem o que é isso , aí não desconstrõem dentro delas o mesmo o preconceito”.

Renato ainda observa que o trabalho informativo deve ser feito não só durante o evento, mas durante todo o ano com ações específicas contra o preconceito:

“Então, a gente faz o trabalho com as mães, o trabalho de palestras, o trabalho de prevenção para poder ganhar cada vez mais pessoas durante o ano para elas saberem o que é isso e porque que a gente está lutando por isso. Porque tem muita gente que fala assim: “ Por que os gays estão nas ruas. Eles não tem nenhum problema. Eles tem um cartão de credito maravilhoso, porque não tem filhos, podem gastar muito mais”. Então tem esse estereotipo. De que primeiro a gente só pensa em sexo, de que a gente é todo mundo bonito e de que todo mundo é rico. Então, quais são os problemas sociais que eles têm? E aí, a gente meio que vem discutir até que ponto isso é verdade ou não”.

Na fala de Renato, podemos observar a desconstrução da representação social do homossexual: o promiscuo, o rico o *sem* problemas sociais, passando então a entrar no cenário das políticas públicas e garantindo seus direitos.

As paradas gays têm como objetivo maior a garantia dos direitos dos homossexuais, entretanto mesmo o Brasil tendo a maior parada gay do mundo, ainda não temos uma legislação que puna a homofobia e que consiga resolver a questão da união civil entre duas pessoas do mesmo sexo, como relata Renato:

“Quando eu morava em Buenos Aires, eu achava um absurdo a parada de lá ter 200 pessoas e eles terem uma lei de união civil. E como que a gente tem a maior parada glbt do mundo e não tem nenhuma lei de cidadania”?

As paradas são estratégias de mobilização e de visibilidade que estão ligadas ao atual contexto social e a organização de classe. A sua representatividade hoje amplia as discussões voltadas para o universo homossexual. Elas traduzem a luta pela legitimidade dos direitos de igualdade, liberdade e a discussão do reconhecimento das diferenças em âmbitos diversificados, tais como: família, ambiente de trabalho, escola, política.

Um dos direitos civis e talvez o que cause mais polêmica entre religiosos, políticos, famílias, escolas e outros segmentos da sociedade é com certeza a União Civil entre pessoas do mesmo sexo, que nada mais é do que a garantia dos direitos dos homossexuais serem reconhecidos como parceiros e conquistarem os mesmos direitos que os heterossexuais possuem, seja no caso do falecimento de um dos

cônjuges ou simplesmente a adesão a um plano de saúde. Vele ressaltar, que com o aparecimento da AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) na década de 80 muitos gays que perderam seus parceiros, viram também seus patrimônios, dilacerados por familiares da parte do cônjuge falecido, que desconheciam ou fingiam desconhecer os direitos do que permaneceu vivo.

A Holanda foi o primeiro país a reconhecer os direitos homossexuais, aprovando a união civil entre pessoas do mesmo sexo. No Brasil tramita no Senado Federal o projeto de União Civil³² (1996) entre pessoas do mesmo sexo de autoria da então Deputada Federal Marta Suplicy (PT-SP), porém o referido projeto não vai a votação, em consequência da falta de elaboração legislativa e do conservadorismo jurídico pautado em questões religiosas e da intolerância social. Ainda há muito que se discutir para que o projeto vá adiante e que não fique por mais 10 anos engavetado. Enquanto o projeto se mantiver engavetado, os casais homossexuais deixam de ter os seguintes direitos, garantidos por lei a casais heterossexuais:

- Usufruto dos bens do parceiro;
- Não é permitido declarar, no imposto de renda, a dependência do parceiro;
- Não recebem abono família;
- Não têm direito à herança;
- Não têm suas ações legais julgadas pela varas de famílias;
- Não somam renda para alugar imóvel ou para obter financiamentos

O movimento gay introduziu no tecido social a desconstrução do conceito de homossexualidade de vigente. Se o homossexual era considerado um invertido, um doente ou perverso, o modelo de relacionamento gay passa a propor o relacionamento afetivo e a construção de uma vida a dois de dois homens ou duas mulheres, não mais um macho ou fêmea, que se relaciona um/uma invertido(a), mas sim a troca de amor e sexo entre duas pessoas do mesmo gênero biológico. Agora são duas pessoas do mesmo sexo que buscam amar e construir uma relação afetiva de igualdade.

³²Projeto de Lei Federal nº 1.151.